

Milliet, irritado, diz que apenas houve retomada das negociações

3 • DEZ 1987 *Divida Externa*

ESTADO DE SÃO PAULO

MOISÉS RABINOVICI
Nosso correspondente

WASHINGTON — O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse ontem que a preocupação de alguns repórteres sobre sua visita a Washington, para encontros com o presidente do Federal Reserve, Alan Greenspan, e com o encarregado dos assuntos internacionais do Departamento do Tesouro, David Mulford, “é um problema de vocês, e não meu”.

Os repórteres o esperavam na rua, num frio de quatro graus, e alguns até ficavam pulando para aquecer-se, porque as negociações com os bancos credores, memdiadas pelo governo norte-americano, é um problema de interesse do Brasil, e nada pessoal. Ao ouvirem o presidente do Banco Central, concluíram que algum novo problema deveria ter ocorrido nas negociações. Mas uma fonte, mais, tarde, asseguraria a **O Estado** que não há crise alguma.

Milliet estava acompanhado do assessor especial Fernão Bracher e do embaixador do Brasil em Washington, Marcílio Marques Moreira. Quando encontrou os repórteres indicou-lhes que primeiro conversariam no carro da embaixada, estacionado ali perto, e que depois viria para a entrevista. O encontro dentro do carro, com o motorista esperando do lado de fora, demorou cerca de 15 minutos.

Fernão Bracher saiu anunciando que tinha que voar para Nova York, onde o comitê de bancos credores o esperava para uma reunião às 15 horas e já eram 12h30. Milliet também saiu advertindo que não tinha tempo, e, quando ouviu um repórter dizer que tinha que informar sobre a sua visita, respondeu bruscamente que o problema não era dele, acres-

centando: “Vou falar com vocês um minuto, vou entrar no carro, e vou embora. Vocês não marcaram esta entrevista”.

— O que vocês conversaram? — foi a primeira pergunta feita para aproveitar o “um minuto” concedido. E o presidente do Banco Central respondeu que “conversamos sobre o acordo que está em curso, pois retomamos nesta semana as negociações”, informando onde foi durante o dia e que voltaria para o Brasil à noite. E concluiu: “Acho que houve algum entendimento que pode ser útil nestas próximas semanas, no formato geral das negociações que nós pretendemos manter. Mostrei qual a importância de determinados aspectos que nós pretendemos conseguir para um programa de relançamento da economia brasileira a par-



Milliet: só um minuto

tir do ano que vem, quais são as dificuldades básicas que estamos enfrentando, a necessidade de recuperar a taxa de investimento no Brasil como uma forma de aliviar tensões econômicas e sociais, o esforço que estamos fazendo no sentido de termos ganhos na área fiscal, inclusive permitindo-nos uma política equilibrada. Por um lado, aliviar as taxas de juros internas e recuperar os investimentos. Acho que isso tudo faz um programa consistente. A própria regulamentação da conversão da dívida que foi feita há duas semanas é uma das formas de incentivar a retomada de investimentos. O ajuste fiscal, a baixa da taxa de juros e a redução da transferência de recursos ao Exterior são os outros elementos que completam isto e que permitirão o crescimento econômico de 1989”.

Segundo ele, os norte-americanos podem ajudar, porque “representam um grande país credor do Brasil”.

Encerrada a entrevista, o presidente do Banco Central e o embaixador Marcílio Marques Moreira foram almoçar no FDIC, que é uma corporação federal de seguro de depósitos. Foi David Mulford, o homem que criou os princípios do acordo provisório que tirou o Brasil e os bancos credores do delicado impasse em que se encontravam, quem o sugeriu, ao saber do interesse brasileiro em conhecer o modelo do FDIC.

A crise que transparecia da irritabilidade do presidente do Banco Central, somada à reunião dentro do carro que parecia ter como tema o que dizer à imprensa, não se confirmaria diante das informações obtidas junto a fontes mais interessadas em manter um país corretamente informado. Segundo elas, “os brasileiros não vieram pedir nada, e foram muito corteses”.

3-10-87